

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CENOGRAFIA**

LUAN MELO VERLI GONÇALVES

**INTERVENÇÃO NA PAISAGEM URBANA:
O *VIDEO MAPPING* COMO ESTRATÉGIA DE RENOVAÇÃO URBANA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2018

LUAN MELO VERLI GONÇALVES

**INTERVENÇÃO NA PAISAGEM URBANA:
O *VIDEO MAPPING* COMO ESTRATÉGIA DE RENOVAÇÃO URBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Cenografia do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dra. Fernanda Botter

CURITIBA

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

INTERVENÇÃO NA PAISAGEM:
O *VIDEO MAPPING* COMO ESTRATÉGIA DE RENOVAÇÃO URBANA

por

LUAN MELO VERLI GONÇALVES

Esta Monografia foi apresentada em dez de abril de 2018 (10/04/2018) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Cenografia. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Dra. Fernanda Botter (UTFPR)
Prof.a Orientadora

MSc. Nádia Moroz Luciani (UNESPAR/FAP)
Membro titular

Dr. Ismael Scheffler (UTFPR)
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

RESUMO

VERLI, Luan M. **Intervenção na Paisagem**: O Video Mapping como Estratégia de Renovação Urbana. 2018. 23 f. Monografia (Especialização em Cenografia) - Programa de Pós-Graduação em Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Este trabalho discute intervenções artísticas com *video mapping* na paisagem urbana, que colocam a cidade como cenografia e como peça-chave no cotidiano dos cidadãos. Trata das interferências estéticas e da melhora da qualidade visual da cidade que tais intervenções propõem. Como metodologia foi utilizado referencial teórico da área do urbanismo, em especial no tocante às fachadas ativas, intervenções urbanas e cenografia, a partir de dois estudos de casos relacionados às intervenções urbanas. Conclui que tais intervenções se mostram eficazes na revitalização e criação e consolidação de identidade do lugar.

Palavras-chave: Paisagem urbana. Intervenção urbana. *Video Mapping*. Cenografia. Arte.

ABSTRACT

VERLI, Luan M. ***Landscape Intervention: Video Mapping as an Urban Renewal Strategy***. 2018. 23 f. Monografia (Especialização em Cenografia) - Programa de Pós-Graduação em Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

This work discusses artistic interventions with video mapping in the urban landscape, which places the city scenography and a key piece in the everyday life of city dwellers. It deals with the aesthetic interference and increase of the visual quality of the city that such arteries propose. As a measure, it was used as a theoretical reference of the area of urbanism, especially with regard to the active façades, urban and scenographic interventions, based on two processes studies related to urban interventions. It concludes that they are active in the revitalization and creation and consolidation of the identity of the place.

Key words: Urban landscape. Urban intervention. *Video Mapping*. Scenography. Art.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 A INTERVENÇÃO NA PAISAGEM URBANA.....	8
2.1 ESTUDO DE CASO: <i>THE FEELING TREE</i>	14
2.2 ESTUDO DE CASO: <i>SYMBIOSIS</i>	16
2.3 DISCUSSÃO.....	19
3 CONCLUSÃO.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

O crescimento das cidades e o aumento populacional desencadeiam problemas específicos, dentre os quais se destacam a degradação de regiões centrais, a poluição do ar, o lançamento de dejetos no meio ambiente, enchentes. A má aplicação de recursos econômicos nas cidades brasileiras provoca a falta de manutenção periódica. Este e outros aspectos acarretam no esvaziamento da urbe e sua marginalização. Por isso, políticas públicas são implementadas com o intuito de ligar cidadãos e cidadãs ao território.

Uma das estratégias de revitalização urbana que emerge pelos planos e paisagens urbanos é a intervenção artística. É sobre ela que esse trabalho se desenvolve, ao discorrer sobre aspectos da cenografia na esfera pública. Entende-se que cenografia é o estudo e concepção artística na criação de cenários e em narrativas dramáticas, e no caso de cenografias feitas na cidade, contribuem para a mudança na atmosfera da urbe. Utiliza-se da imagética da cidade ao entendê-la como palco principal para uma narrativa. É notório que arte e urbanismo podem andar juntos quando o assunto é a qualidade da cidade através dessa modalidade de arte (intervenção urbana). Existindo intervenções de pequeno à grande porte, neste trabalho, destacam-se os projetos voltados ao *vídeo mapping*, que nada mais é do que projeções feitas nas paisagens urbanas e em equipamentos espalhados pela cidade.

Como problemática desta pesquisa foram estudados tópicos sobre as características catalisadoras da arte e das intervenções urbanas e se elas fornecem qualidades efetivas para um melhor desempenho das questões sociais em meio à urbe. Poderia um trabalho de intervenção artística contemporânea, como o *vídeo mapping*, que usa como referência cenográfica a própria paisagem urbana, ser um grande catalisador no processo de conexão entre a cidade e cidadãos e cidadinas? Isso poderia trazer novos significados para a cidade e os cidadãos?

Portanto, esta pesquisa teve como desafio dialogar sobre quando a cidade e a paisagem urbana são usados como cenografia através de alguma intervenção artística. O objetivo geral do trabalho é entender como a intervenção urbana pode chegar aos olhos do cidadão e se transformar em mensagens ou sentimentos que

unam ele à cidade. Como objetivos específicos foi necessário conhecer conceitos e fatores urbanísticos que definem a experiência na cidade, além de dois estudos de casos voltados ao *video mapping* na paisagem urbana.

2 A INTERVENÇÃO NA PAISAGEM URBANA

Muito se tem discutido sobre as cidades e os seus papéis nos modelos sociais. Reflexões sobre apropriação da cidade e qualidade das paisagens urbanas se fazem essenciais na sociologia urbana. Este trabalho propõe reflexões acerca do urbanismo do ponto de vista da cenografia. Para tanto, busca estudos de caso de intervenções artísticas que utilizam a cidade como cenário para intervenções artísticas, lançando mão da paisagem e sua qualidade visual, como estratégia para o tratamento de áreas urbanas.

A vida na cidade é constituída por diferentes e variadas atividades. Algumas são ao ar livre, outras não. Umas são em conjunto com a arquitetura, outras com o urbano, por exemplo. Mas em todas as atividades no perímetro urbano os cidadãos se relacionam com o meio em que vivem. Seja andando, dançando, se divertindo, lendo um jornal no banco da praça, interagindo entre si, ou assistindo um bom espetáculo de rua. O que todas essas atividades têm em comum é mais do que estar na cidade, mas certamente senti-la e experienciá-la. É possível perceber uma incontável quantidade de informação que se recebe ao caminhar no espaço urbano, por exemplo. Esses pequenos eventos de usos sociais na cidade e suas consequências se dão através da qualidade de um edifício e da cidade. Isso vem do entendimento de que cada lugar tem sua própria característica, bem como certos padrões de eventos que acontecem sempre nesse local para mantê-lo ativo. Essa qualidade nas cidades não pode ser feita, mas somente gerada, indiretamente, através das ações das pessoas naquele lugar no dia-a-dia (ALEXSANDER, 1979). Na área urbana o cidadão recebe “impressões sensoriais muito intensas e emocionalmente significativas” (GEHL, 47), afinal, “há um contato direto entre as pessoas e a comunidade do entorno, o ar fresco, o estar ao ar livre, os prazeres da gratuitos da vida, experiências e informação” (GEHL, 19).

Logo a cidade é vista como um ambiente, e não como apenas um projeto de urbanismo, pois “a noção do urbano não como projeto, mas como ambiente implica uma percepção que observa dos movimentos e deslizamentos da cultura e dos comportamentos que constroem aquilo que vemos como a cidade” (CARREIRA, 2010). As informações adquiridas ao vivenciar a esfera pública devem muito à

qualidade da paisagem urbana, que podem vir a ser catalisadoras de boas sensações e sentimentos para com a cidade. Isso é visto em estudos no campo da influência do entorno no psíquico do ser humano. Os estudos mais emblemáticos na área, feitos por urbanistas, datam do início dos anos 60, nos Estados Unidos. Eles revelaram que não é só o espaço construído que muda a percepção do cidadão, mas o entorno e a paisagem urbana também (OLIVEIRA, 2015). Concluíram também que a arquitetura tem características que garantem que as pessoas tenham ótimas experiências na cidade, mas somente ela não é suficiente. É necessário trabalhar a qualidade da paisagem urbana. Hardt (2000, p. 15) conceitua a paisagem urbana como:

Combinação dinâmica de elementos naturais - físico-químicos e biológicos - e antrópicos, interrelacionados e interdependentes, que em determinado tempo, espaço e momento social, formam um conjunto único e indissociável, em equilíbrio ou não, e em permanente evolução, produzindo percepções mentais e sensações estéticas.

É principalmente nas questões relacionadas ao aspecto visual da cidade que este trabalho se justifica, pois é através da logística da cidade e das condições que ela impõe que os transeuntes acabam criando padrões de ações nela. Logo, se fazem necessários estudos que considerem tais percepções urbanas, o padrão de formas de uso social que pela urbe é imposto, para que se questionem formas de vida urbana. Estes autores afirmam ser possível quebrar o paradigma cotidiano das cidades contemporâneas que não são feitas para pessoas ao propor modos de uso da cidade e interação com o seu entorno que sejam agradáveis e saudáveis.

A paisagem urbana - aqui inclui-se tudo o que pode ser visto ao nível dos olhos, como fachadas, térreos de prédios, árvores e paisagismo, tudo o que mais visual - é facilitadora, segundo a psicologia urbana, da atratividade do espaço urbano. As pessoas podem se afastar intuitivamente de lugares vazios e desinteressantes, pois se cria um sentimento de que este lugar na cidade não é seguro, ou até mesmo pelo ambiente parecer estressante ou desgostoso (TANSCHKEIT, 2016). A pesquisa de Karssenber (2015) demonstra que a tendência é que se permaneça três vezes mais tempo em um lugar considerado seguro e agradável. O cotidiano dos cidadãos é estruturado numa construção quase imutável

de papéis e usos sociais na cidade, que acaba por construir uma base estética padrão. Com entendimento desse pensamento, foi criado o termo “fachadas vivas”. Essa expressão é aplicada às edificações cujos andares térreos nos alinhamentos frontais do lote possuem portas, janelas ou vitrines voltadas para a rua e calçadas. Esses andares térreos podem comportar diversos usos - comerciais, serviços, residenciais - e podem também estar conectados com atividades na calçada, como mesas de restaurantes colocadas ao ar livre, por exemplo (SCOPEL, 2017).



Figura 01: Fachada ativa, térreo ocupado!
Fonte: *The City Fix* Brasil, 2016.

As fachadas vivas são tão importantes para uma cidade que esse conceito mudou o pensamento do criar a cidade. Atualmente a filosofia do “fazer a cidade” para “viver a cidade” muda um pouco o que foram as últimas décadas em que apenas era pensado no funcionalismo urbano, teoria que colocava o automóvel como protagonista. A intervenção urbana pode ser uma estratégia para reavivar o contato humano no espaço público em mesma medida, já que está muito conectada com a ideia de “fachadas vivas”.

Para a melhoria do espaço urbano, um processo de criação artístico pode alterar as percepções e informações da cidade e sua paisagem. As intervenções urbanas, ou intervenções artísticas, inseridas na cidade, tratam-na como um grande ambiente cenográfico. Este ambiente, tocado pela manifestação artística, tem carregada de significado a sua lógica funcional, propiciando os “deslizamentos momentâneos” a que se refere Carreira. (CARREIRA, 2010).

Intervenções urbanas são movimentos artísticos, relacionados principalmente às modificações e adições visuais no perímetro urbano ou na paisagem pública. São identificados como marcos espaciais diferenciados na cidade, que além de delimitarem espaços, recriam a paisagem urbana, ao tomar a cidade como cenografia para seus objetivos sociológicos, conforme se vê na Figura 02.



Figura 02: Intervenção na Paisagem
Fonte: Outsiders Krew, 2016.

Podem variar muito em estilo e porte, como grandes instalações urbanas (Figura 02) até mínimas interferências, como *stickers* (Figura 03). Estas duas intervenções apresentadas (acima e abaixo) trazem uma mensagem social, dando referência ao diálogo que as intervenções podem ter com os cidadãos.



Figura 03: Intervenção com Sticker
Fonte: Signs From New York, 2014.

Neste contexto, “a arte apresenta e responde à comunidade social, a identidade local, ao ambiente construído, pois interfere nos locais públicos” (VENTURELLI, 2016). Atualmente os artistas que criam os projetos de intervenções urbanas têm trabalhado e buscado uma conexão afetiva da cidade com os transeuntes, principalmente em espaços degradados e abandonados, efeitos do esvaziamento urbano e marginalização. Conforme Melendi¹ (200-?):

Por meio do uso de práticas que se confundem com as da sinalização urbana, da publicidade popular, dos movimentos de massa ou das tarefas cotidianas, esses artistas pretendem abrir na paisagem pequenas trilhas que permitam escoar e dissolver o insuportável peso de um presente cada vez mais opaco e complexo.

¹ Maria Angélica Melendi é artista plástica, pesquisadora e professora. Doutora em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Nos últimos anos vem investigando as relações entre memória, arte visual, literatura e política na América Latina. Informações disponíveis em <<https://www.eba.ufmg.br/grupo/piti.htm>>. Acesso em: 11/03/2018.

Quando há alguma intervenção artística em que se usa parte da cidade - como o entorno de uma praça, a fachada de um prédio, uma escadaria numa igreja, etc. - há uma atenção inusitada, um certo “estranhamento com as rotinas das cidades [...] porque não reafirmam diretamente a lógica instrumental do capital em que grande parte da estética da cidade é condicionada a publicidades em geral” (CARREIRA, 2010).

Por isso, as relações entre pessoa e espaço urbano são verdadeiros exercícios de leitura da paisagem, transformados pela imagética cenográfica exposta na urbe. Quando se utiliza da cidade como cenografia numa intervenção artística urbana se modifica o espaço de vivência. Uma nova leitura da paisagem advém de novas significações que a cenografia pode proporcionar. A atmosfera é mudada. A cidade deixa de ser apenas cidade para ser palco de novas sensações através dessas novas percepções cenográficas que a cidade propõe. Os fluxos de caminhabilidade nem sempre serão modificados. Às vezes aparece sutilmente como algo que não atrapalha o caminhar do cidadão na cidade. Ou, ao contrário, pode ser algo que induza o transeunte mudar o seu trajeto ao caminhar por causar incômodo, dúvidas e exclamações.

Atualmente muitas as intervenções urbanas são mediadas pela tecnologia com projeções mapeadas, que podem ser interativas, e proporcionam novas experiências numa dinâmica de criação colaborativa, de participação social, mesmo à distância (VENTURELLI, 2016). Para investigar a interação entre uma intervenção artística urbana na cidade e os cidadãos, serão apresentados dois estudos de caso que ilustrarão os argumentos acima. Os projetos escolhidos são chamados de “*The Feeling Tree*” e “*Symbiosis*”, e são configurados como projetos de “distância pública” pois:

Descreve a distância do contato mais formal e da comunicação unilateral. Essa é a distância entre professores e alunos, pastores e congregação, e a distância que escolhemos para ver ou ouvir um artista de rua, mas queremos mostrar que não somos parte do evento (HALL, 1982, p. 47).

Ambos os projetos dotam de uma mensagem social, política e econômica sobre o meio ambiente e a necessidade de se cuidar da natureza. Para tal, as intervenções escolhidas são projetos que permitem uma proximidade entre a arte e o

citadino e que ao mesmo tempo passem uma mensagem política, econômica e social, como citado anteriormente.

2.1 Estudo de Caso: *The Feeling Tree*

Como dito anteriormente, as intervenções urbanas artísticas podem contribuir para o melhoramento ou alteração do aspecto visual da paisagem urbana, e dotá-la de novos significados e informações. Um exemplo de intervenção urbana artística que comunica e dialoga com os transeuntes é a intervenção chamada “*The Feeling Tree*”, ou “A Árvore que Sente” em português. Essa intervenção foi produzida na cidade de São Paulo, em 2014, na Semana Nacional de Conscientização Sobre as Mudanças Climáticas, pelos dos estúdios Y&R (criação) e Laborg (técnica e operação) para o Instituto Ipê. As animações projetadas foram desenvolvidas pela empresa Vetor Zero.

Conforme o site da Laborg, “a ação buscava projetar em árvores da cidade um rosto que representasse a qualidade do ar de São Paulo”, mostrando como as árvores se sentiam respirando o ar da cidade. Lança mão da arte para abordar a preocupação atual sobre a qualidade do meio ambiente, então poder alertar cidadãos e cidadãs sobre a poluição no meio urbano.

Primeiramente, criou-se uma ferramenta que pudesse medir a poluição na cidade, com base nos dados das estações de medição da Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo). Em seguida, de forma divertida, os dados foram transformados em três tipos de animações para os rostos das árvores: a reação “*Good*” - significa “bom” - mostra a árvore sorrindo e dando risadas, o que quer dizer que ali a qualidade do ar está boa, como na imagem abaixo. A segunda animação seria a “*Avarage*” - significa “médio” - mostra a árvore um pouco irritada, e quer dizer que a naquele local a árvore está começando a sentir os impactos de um ar um pouco poluído. A última reação é a “*Poor*” - que significa “ruim” - e mostra uma árvore completamente zangada e furiosa, pois naquela região o ar está poluído e com a qualidade muito ruim.



Figura 04: *The Feeling Tree - The "Good" Quality*
Fonte: Laborg, 2014.

Depois de definidas as animações, um passo importante para os criadores foi a escolha das árvores, já que “elas precisavam estar em locais de boa visibilidade e em condições de luz específicas. Foi feito um grande casting de árvores” (LABORG, 2014). A tecnologia utilizada nessa intervenção foi a de projetores num sistema de “*mapping*”, onde eram mapeados os pontos da árvore para poder ajustar corretamente o rosto para ela, além de outras adaptações, conforme imagem abaixo.



Figura 05: Processo de *mapping in loco*
Fonte: Laborg, 2014

Sobre a ideia do projeto, Andréa Peçanha, que é Gerente de Desenvolvimento Institucional do IPÊ² diz:

Ao direcionar nosso olhar para entender como as árvores se sentem, alertamos não só para a qualidade do ar da cidade, mas para mudanças climáticas resultantes de um modelo de vida que está levando ao esgotamento dos recursos naturais e à escassez de serviços ambientais de grande importância. [...] É necessário que todos percebam essa conexão, e como as áreas verdes são fundamentais para uma melhor qualidade de vida.

Pode-se perceber pela imagem abaixo como as pessoas realmente olham a intervenção enquanto caminham na cidade, assim como Andréa Peçanha diz.



Figura 06: Pessoas admirando o projeto
Fonte: *The City Fix Brasil*, 2014

2.2 Estudo de Caso: *Symbiosis*

Os critérios para a escolha deste outro estudo de caso foram os mesmos que os definidos para o “*The Feeling Tree*”: ser uma intervenção com uma mensagem

² INSTITUTO IPÊ. **A Árvore que sente é premiada mais uma vez.** Disponível em:
<http://www.ipe.org.br/ultimas-noticias/506-arvore-que-sente-e-premiada-mais-uma-vez>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2018.

social e que utilizasse a paisagem urbana como cenografia. De formas diferentes, nos dois casos a mensagem foi sobre os cuidados com a natureza e o quão importante ela é para o meio urbano.

A intervenção “*Symbiosis*” foi elaborada pela artista visual brasileira chamada Roberta Carvalho³. Lançado em 2007, o projeto ainda existe e na sua comemoração de dez anos lançou-se um livro e uma exposição que apresentou um pouco desses anos projetando informações na paisagem (ANGELO, 2017).

Roberta Carvalho deseja que as pessoas se relacionem com a natureza, fazendo uma verdadeira relação simbiótica no local em que se transita. Por isso o conteúdo dessa intervenção geralmente é o rosto dos transeuntes presentes, e as locações são dotadas de bastante árvores. Geralmente a intervenção teve lugar nas regiões amazônicas (CARVALHO, 2016).



Figura 07: Projeto “*Symbiosis*”
Fonte: Ideia Fixa, 2016.

³ Roberta Carvalho é artista visual nascida em Belém do Pará. Estudou artes visuais na Universidade Federal do Pará (UFPA). Desenvolve trabalhos na área de imagem, intervenção urbana e videoarte. Já participou de várias exposições, coletivas e individuais, no Brasil, França, Espanha e Martinica. Foi vencedora de diversos prêmios, entre eles, o Prêmio FUNARTE Mulheres nas Artes Visuais (2014), Prêmio Diário Contemporâneo (2011) e Prêmio FUNARTE Microprojetos da Amazônia Legal (2010).

Em seu TED Talk (2011), chamado “Transformando olhares com tecnologia, arte e árvores”⁴, Roberta conceitua o termo *symbiosis* como termo das ciências biológicas que designa a “relação mutuamente vantajosa entre seres de duas espécies diferentes”. No caso desta intervenção, os dois seres que tiram vantagem um do outro são a imagem e a natureza, “sendo a natureza hospedeira da arte, criando com ela um novo ser, um uno. E desta relação uma coisa outra é gerada: escultura de luz, uma árvore observadora” (CARVALHO, 2016). Nesse mesmo evento, a artista explica como essa intervenção relaciona as pessoas com a cidade e com a mensagem que ela quer passar, pois a mensagem da “*Symbiosis*” vai além da projeção em si, suscitando reflexões e emoções no público presente e criando afetos e novas relações com o espaço. Pessoas já disseram à artista que nunca mais irão olhar para as árvores da mesma forma. A primeira imagem da intervenção que é projetada é sempre um homem deitado em posição fetal no ventre da árvore, “era vida pulsante ali, radiante, luminosa” (CARVALHO, 2016).



Figura 08: Homem no ventre da árvore
Fonte: Roberta Carvalho, 2016.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3x9Pi5nF6sl>>. Acesso em: 06 de março de 2018.

Assim como no primeiro estudo de caso, o projeto “*Symbiosis*” utiliza do *video mapping* - projeção mapeada - O que diferencia a forma de projeção dos dois estudos de caso é que no primeiro ele é projetado em apenas uma árvore na região escolhida, já na segunda intervenção apresentada é projetada sobre algumas árvores, ou até em um conjunto delas, como na imagem abaixo.



Figura 09: Projeção em um conjunto de árvores
Fonte: Roberta Carvalho, 2016.

2.3 Discussão

Nos estudos de caso, percebe-se que a imagética da cidade foi importante em dois pontos para a intervenção: ela foi problema e solução atuante ao mesmo tempo. Problema no sentido em que a cidade no meio de todo o caos urbano do cotidiano - com carros, indústrias, dejetos jogados nas ruas e rios, etc. - acabou tornando a cidade uma espécie de vilã para a saúde dos cidadãos e de si mesma. Com a intervenção na paisagem urbana de São Paulo, a cidade se tornou cenário artístico, cultural e informativo através das projeções, sendo parte fundamental da cenografia para esta intervenção artística e urbana. Uma característica que diferencia as duas obras apresentadas é o local em que são inseridas. Na primeira, em que se fala sobre qualidade do ar, o local escolhido é São Paulo, uma cidade

considerada com o ar poluído. “*Symbiosis*” geralmente é colocada em regiões ribeirinhas ou perto de rios, muitas vezes em locais da Amazônia. Ter o lugar ideal para a montagem cenográfica de cada intervenção ajuda muito no contexto e na mensagem que ambas querem passar, pois a paisagem urbana é dotada de significados e lembranças para a urbe e os cidadãos.

A ideia dos projetos seguem parecidas, onde os artistas utilizam das copas das árvores para o *video mapping*. Porém, aquilo que diferencia as duas intervenções é a forma em que são projetadas as artes elaboradas, a mensagem que as duas intervenções querem passar, e o local onde as intervenções foram escolhidas para acontecer. Pode-se perceber que em “*The Feeling Tree*” a mensagem que predomina é sobre a qualidade do ar que se torna ruim, em consequência de ter menos árvores no local, ou boa conforme mais árvores existem na região. É uma mensagem pontual: qualidade do ar em dependência do desmatamento. Já em “*Symbiosis*”,

3 CONCLUSÃO

As projeções mapeadas se tornaram ferramentas recorrentes e pertinentes para as intervenções urbanas, já que a projeção é um artifício da arte que não deteriora a cidade e proporciona um sentimento de interatividade grande entre intervenção urbana e público.

A paisagem urbana é rica em detalhes e com o *video mapping* e outras intervenções urbanas é possível realçá-los mais ainda. Muitas vezes, por falta de investimentos públicos, esses detalhes e visuais da paisagem se perdem no cotidiano. Além disso, a arte visual que interfere na paisagem urbana se torna uma estratégia sociocultural que cuida e resgata de espaços vazios e esquecidos na cidade, e que se tornam, aos olhos dos cidadãos, lugares perigosos e degradados.

No caso deste trabalho, pelos dois estudos de caso apresentados é marcante como as pessoas se sensibilizam com essas intervenções que dotam de mensagens importantes. Eles mostraram também que a natureza e a paisagem urbana se tornaram equipamentos cenográficos e deram suporte à arte, potencializando a importância de se cuidar da natureza e o sentimento de conscientização da relação do homem com o bem natural. Entende-se que outras intervenções que usam outros pontos da cidade - como edificações abandonadas, patrimônios históricos, grandes fachadas de *shoppings*, entre outros - podem contribuir para resgatar o sentimento de pertencimento à cidade ou apenas sensações inusitadas, como de estranheza e admiração.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Christopher. *The Timeless Way Of Building*. Tradução livre. Nova York. 1979.

ANGELO, Damaris De. **Artista brasileira é pioneira em intervenções urbanas com projeções na Amazônia**. Ideia Fixa. 2017. Disponível em: <https://www.ideafixa.com/oldbutgold/nada-se-cria-tudo-se-apropria-o-trabalho-da-brasileira-roberta-carvalho>. Acesso em: 06 de março de 2018.

CARREIRA, André. **A cidade como dramaturgia do Teatro de Invasão**. 2010. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/40287815/Andre-Carreira-A-Cidade-ComoDramaturgia#scribd>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

CARVALHO, Roberta. **Projeto Symbiosis**. 2016. Disponível em: <http://www.robortacarvalho.art.br/symbiosis>. Acesso em: 07 de março de 2018.

GEHL, Jean. **Cidades para Pessoas**. Tradução: Anita de Marco. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HARDT, L. P. A. **Subsídios à gestão da qualidade da paisagem urbana: aplicação a Curitiba** – PR. 2000. 323 p. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2000.

INSTITUTO IPÊ. **A Árvore que sente é premiada mais uma vez**. Disponível em: <http://www.ipe.org.br/ultimas-noticias/506-arvore-que-sente-e-premiada-mais-uma-vez>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2018.

KARSSENBERG et al, Hans. **A Cidade ao Nível dos Olhos: Lições para os Plinths**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

OLIVEIRA, Amarilis Formigoni de. **A Paisagem Urbana e a Qualidade de Vida**. Faculdade de Tecnologia Prof. Luiz Rosa. Artigo (Pós-Graduação em Engenharia de Pessoas). 2015.

SCOPEL, Vanessa Guerini. **FACHADAS ATIVAS: Uma alternativa para a melhora da relação entre arquitetura e cidade**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2017. Disponível em:

<https://upcommons.upc.edu/bitstream/handle/2117/108537/15BGT_ScopelVanessa.pdf>. Acesso em: 01 de março de 2018.

TANSCHKEIT, Paula. **Conexões entre pessoas e lugares podem ser a chave para a segurança dos espaços públicos.** *The City Fix Brasil*. 2016. Disponível em: <<http://thecityfixbrasil.com/2016/05/19/conexoes-entre-pessoas-e-lugares-podem-ser-a-chave-para-a-seguranca-dos-espacos-publicos/>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2018.